



A MODA E A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE GÊNERO: UMA ANÁLISE DA VESTIMENTA DA MULHER NO SÉCULO XIX

Fashion and social representation of gender: a review of women vestments at XIX century

Manucelo Colpo, Caroline; Mestranda em Ensino de Humanidades e Linguagens; Universidade Franciscana, carolmcolpo@gmail.com¹
Henn, Leonardo; Doutor em História; Universidade Franciscana, lghenn@gmail.com²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar conceitos importantes acerca da relação entre a moda e as representações sociais de gênero a partir da análise da vestimenta da mulher do século XIX. O propósito é discutir a importância da moda como aliada à emancipação social das mulheres para combater a desigualdade social de gênero.

Palavras chave: Moda; representações sociais, gênero.

Abstract: The present article aims to present important concepts around the relationship between Fashion and social representations of gender coming out of a review of women vestments at XIX century. The purpose is to discuss the importance of fashion as an ally to the social emancipation of women to fight social inequality.

Keywords: Fashion; social representation; gender.

Introdução

Considerando que a vestimenta é um dos objetos de estudo da moda, ela é um fenômeno completo porque além de propiciar um discurso histórico, econômico, etnológico e tecnológico, também tem valor como linguagem, como um sistema de

Mestranda em Ensino de Humanidades e Linguagens com pesquisa em ensino da história da moda na Universidade Franciscana (UFN). Designer de moda pela UFN (2017).

² Doutor em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2005). Docente nos cursos de Licenciaturas e Pós-Graduação na UFN.



signos no qual os seres humanos delineiam sua posição no mundo e sua relação com ele (BARNARD, 2003).

Neste sentido, este estudo parte do pressuposto que, através da análise da vestimenta da mulher se pode compreender que moda não é só a roupa que cobre o corpo, pois a moda revela as relações entre o indivíduo e o mundo, o indivíduo e os outros e o indivíduo e a sociedade (PITOMBO, 2005). Exemplo disso é a vestimenta de uma vertente feminista no final do século XIX na Europa, que propõe uma reforma no vestuário das mulheres para torná-lo prático, saudável e confortável, o qual é intitulado como “estilo alternativo” pela autora Crane, 2006.

As mulheres que o usavam eram consideradas marginais pela sociedade da época. A partir disso, o presente artigo tem como objetivo abordar conceitos importantes acerca da relação entre moda e representações sociais de gênero a partir da análise do vestuário feminino na Europa no período da transição do século XIX para o século XX. Pois para as mulheres, as roupas eram, no século XIX – e ainda o são hoje -, expressões poderosas das hegemonias de gênero (CRANE, 2006). As roupas, portanto, desempenham e desempenham papéis fundamentais na manutenção da visibilidade de discursos alternativos de papéis de gênero.

Além do que, a proposta deste artigo vem ao encontro de uma inquietação pessoal referente a um paradoxo: como a roupa e os elementos que envolvem a moda podem variar de forma da expressão social para motivadores de preconceito e discriminação contra à mulher? Pois enquanto designer de moda e pesquisadora, sinto-me no dever de propiciar questionamentos acerca dessa temática tão controversa, pois para as mulheres, a moda foi e continua sendo uma grande aliada para combater a desigualdade social de gênero.

Em suma, por meio de um estudo bibliográfico de cunho qualitativo, este artigo propõe o entrelaçamento das categorias Moda, Representações Sociais e Gênero, o qual pretende trilhar um percurso teórico enfatizando três perspectivas: a das Representações Sociais, segundo a abordagem de Serge Moscovici (2000), a de Gênero



segundo abordagem de Scott, 1990 e Alves e Pitanguy, 1981. E no debate histórico e sociológico sobre a moda, Barnard (2003), Calanca (2011), Crane (2006), entre outros autores que possibilitem compreender a evolução da moda como fenômeno sociocultural.

Representações sociais e moda

O conceito de representações sociais de Moscovici cria uma diálogo entre aspectos objetivos e subjetivos, na medida em que se estabelece uma relação dinâmica entre sociedade e indivíduo, podendo ser estudado a partir de áreas específicas, mas sem separá-las, como afirma o autor:

Não seria demais insistir sobre o fato de que a teoria das Representações sociais conduz um modo de olhar a psicologia social que exige a manutenção de um laço estreito entre as ciências psicológicas e as ciências sociais. Falando historicamente, ela é, além disso, mais necessária às segundas que às primeiras... Nós, psicólogos sociais estamos em permanente necessidade de combater a tendência de separar os fenômenos psíquicos dos fenômenos sociais, de erguer barreiras entre suas respectivas disciplinas (MOSCOVICI, 2000, p. 08).

Assim, segundo o autor, a teoria de Representações Sociais é um conhecimento específico, sendo os seus conteúdos construídos nos processos sociais, pelos sujeitos e na interação com outros sujeitos, envolvendo cognição, sentimentos, trocas, significados simbólicos. Com isso, pode-se considerar que é a sociedade que proporciona aos indivíduos os conceitos e as matrizes com as quais pensam e constroem suas representações sociais (SANTOS, 2005), ou seja, é uma organização ativa de imagens e de linguagem que simboliza atos sociais que se conectam, e cujo papel é reconstruir seus elementos e suas expressões. São, portanto, uma modalidade particular de conhecimento que tem por objetivo a elaboração dos comportamentos e a comunicação entre as pessoas (MOSCOVICI, 1979).

Considerando que este conhecimento se constrói a partir da experiência do universo cotidiano, mas também de informações e da comunicação social através da relação dinâmica entre indivíduo e sociedade, a comunicação social tem um papel fundamental na criação das



representações, pois é quem cria um processo social que implica comunicação e discurso, onde os significados e objetos sociais são construídos (SANTOS, 2005). Além disso, Jean-Claude Abric (1998, apud BATISTI, 2015, p. 32) explica que a Teoria das Representações Sociais tem um caráter contextual, ou seja, a partir do contexto as pessoas constroem impressões e opiniões a respeito delas próprias, dos outros, dos lugares, dos conteúdos e até de conceitos já cientificamente analisados.

Assim, os sujeitos sociais podem transformar um conhecimento científico em representação e esta pode transformar os sujeitos. Entretanto, quando não se é compreendida a partir do contexto, pode causar estranheza e discriminação a partir da expressão de identidade do outro que é diferente da sua, principalmente na área da estética, sendo fator rotineiro com a vestimenta da mulher que é discriminada e julgada pelo que veste. Assim, no que toca a vestimenta, as mulheres sempre foram controladas pelos limites impostos pela figura masculina, que, quando não se agradava de seu modo de vestir, podia dispor de sua autoridade, instrumentalizada em variados recursos (do discurso de recriminação moral à violência física), fazendo-a vestir-se de acordo com os gostos do pai, marido, irmãos, etc. (DEL PRIORE, 2014).

Um exemplo disso é o uso das calças compridas, que foi um tabu durante algum tempo, como aponta Crane (2006), pois o universo da moda, em geral, era e ainda é dividido entre feminino e masculino tendo um caráter universal e inquestionável de diferenciação de gêneros. Portanto, analisar as representações sociais a partir do viés da linguagem de moda apresenta-se como um desafio neste projeto, pois é preciso compreender que o processo das representações sociais ligadas à moda implica considerar que estas são impulsionadas e fortemente influenciadas pela cultura visual e foram historicamente se deslocando e penetrando na vida cotidiana contemporânea, determinando estereótipos acerca da vestimenta da mulher.

O gênero social

A partir do conceito de Representações Sociais abordado neste estudo, estabelece-se a relação entre Representações Sociais e de gênero pontuando a partir da



interação entre os sujeitos e o meio social. Segundo Alves e Pitanguy (1981), o conceito de gênero é como uma construção sociocultural, que atribui a homem e mulher papéis diferentes dentro da sociedade e depende dos costumes de cada lugar, da experiência cotidiana das pessoas, isto é, as papéis de homem e mulher podem variar conforme cada cultura. Ainda nesse sentido, para Alex Fraga (2000), as pessoas ao nascerem recebem um treinamento para serem mulheres e homens dentro da sociedade em que vivem.

Segundo Louro (2008), há mais de cinquenta anos, a filósofa Simone de Beauvoir sacudiu a poeira dos meios intelectuais com a frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. A expressão causou impacto e ganhou o mundo. Diante disso, faz-se necessário questionar, o que é ser homem? O que é ser mulher? Pois a oposição entre feminino e masculino é uma tendência geral e recorrente de associar o gênero as características biológicas aparentes de diferenciação sexual.

Assim sendo, pode-se considerar que a construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, sendo construídos a partir do contexto sociocultural e é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto de instâncias sociais e culturais. No entanto, segundo Louro (2008), vem se afirmando uma nova política cultural,

a política de identidades. Muito especialmente a partir dos anos 1960, jovens, estudantes, negros, mulheres, as chamadas minorias sexuais e étnicas passaram a falar mais alto, denunciando sua inconformidade e seu desencanto, questionando teorias e conceitos, derrubando fórmulas, criando novas linguagens e construindo novas práticas sociais. Uma série de lutas ou uma luta plural, protagonizada por grupos sociais tradicionalmente subordinados, passava a privilegiar a cultura como palco do embate. Seu propósito consistia, pelo menos inicialmente, em tornar visíveis outros modos de viver, os seus próprios modos: suas estéticas, suas éticas, suas histórias, suas experiências e suas questões (LOURO, 2008, p. 3).

Ainda segundo a autora, nesse embate cultural, fica evidente a necessidade em compreender que o conceito de gênero é um processo minucioso, sutil e inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como





instâncias pertinentes nesse processo constitutivo. Entretanto, “o gênero é uma forma primária de dar significado às relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT, 1995, p. 86), ou seja, o conceito “gênero” põe de manifesto a relação desigual entre mulheres e homens enquanto sujeitos sociais, fato decorrente na área da moda, onde a mulher ainda é discriminada por usufruir vestimentas que não agradam a sociedade em ambientes que os homens usufruem do que querem e não sofrem o mesmo preconceito.

Por esta razão, a moda tem um papel essencial para emancipação social da mulher diante da desigualdade de gênero vivida desde que nascemos. Em virtude disso, neste estudo, a representação social de gênero consiste em questionar as crenças, os valores e os supostos ideológicos que são estabelecidos colocando a mulher e o homem em posições sociais iguais. Tudo isso para desmistificar conceitos machistas referentes à vestimenta da mulher que quer expressar seus gostos, seus desejos, enfim, a sua identidade através do seu próprio estilo pessoal, sem medo de ousar e vestir-se como quiser.

A vestimenta da mulher como expressão social no século XIX

Conforme afirma a autora Crane (2006), “a função do vestuário de definir posição social é explícita no século XIX”, pois as mudanças na moda eram um processo de imitação das elites sociais por parte de seus inferiores. Neste caso, quando uma moda específica chegava à classe baixa, a classe alta já havia adotado estilos mais novos com a intenção de diferenciar-se de seus inferiores. Os grupos de status inferiores procuravam adquirir status ao adotar o vestuário de status superior.

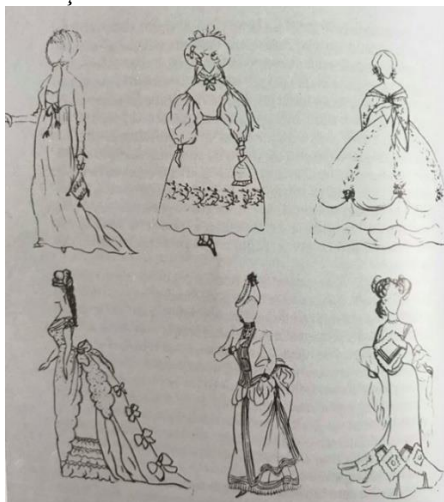
Durante alguns milênios, a participação da mulher na sociedade foi relegada ao princípio da procriação e de coadjuvante do homem, assim, para as mulheres, a moda continuava sendo uma arma na luta entre os sexos e na afirmação do indivíduo do grupo, pois o desenvolvimento da indústria havia libertado o sexo feminino de uma série de atividades produtivas que até então se realizavam no âmbito doméstico



(SOUZA, 1987). De um momento para outro, a mulher burguesa viu-se sem ter o que fazer, e com isso, seu único objetivo era casar, pois o casamento era uma espécie de favor que o homem conferia à mulher como o único meio dela adquirir status econômico e social.

Ainda nesse contexto, a autora Souza (1987) explica que este panorama do século XIX oferecendo à mulher uma única oportunidade de realização, o casamento, a mulher sentia a necessidade de agradar tanto que levou-a empregar todos os recursos possíveis, desde os mais sutis até as mais insistentes exhibições. E isso ficou evidentemente explícito sua pela vestimenta que se originou no pudor e na modéstia como uma estratégia, para chamar atenção para algumas partes do corpo. Agora, a roupa cobria o corpo nu da mulher, mas nem por isso deixava de acentuar as características sexuais, aumentando os quadris com exagerada quantidade de anáguas, folhos e babados, depois a crinolina, contraindo fortemente a cintura com espartilho² e contrastando com as mangas excessivas. (SOUZA, 1987), conforme mostra a evolução da moda dominante feminina na Figura 1.

Figura 1 – Evolução da moda dominante feminina do século XIX



Fonte: O espírito das roupas (SOUZA, 1987)

² O Espartilho ou *Corset* (francês) é uma peça do vestuário feminino que dispõe de barbatanas metálicas e amarração nas costas. A peça reduz a cintura e mantém o tronco ereto, controlando as formas naturais do corpo (CRANE, 2006).



A Figura 1 retrata o ritmo erótico que consistia em chamar a atenção para cada parte do corpo da mulher, mantendo o instinto sexual sempre aceso, mas com duas tendências: a mesma vestimenta que acentua, não desnuda. Contudo, a moda não dava conta da mulher adquirir sua realização completa, mesmo com a pretensão de desempenhar uma sexualidade para conquistar o homem e casar-se, e o casamento não colocava um ponto final nas frustrações da mulher. Pelo contrário, pois o corpo é o alvo da moda, e a moda não é regra imutável.

Assim, tendo a moda como um dos meios de expressão social do século XIX, a mulher atirou-se a descoberta da individualidade, por uma inquietação e insatisfação, com a pretensão de refazer por si seu próprio corpo. E foi através da caligrafia de gestos e gostos que a mulher revelou a sua alma contida, frustrada e reclusa, onde se apoderou harmosianamente de si mesma mergulhando na sua personalidade. Por imposição à sociedade, a mulher inglesa adotou um estilo alternativo, o qual foi largamente adotado, mas pouco discutido, pois era um vestuário que não correspondia ao ideal feminino da elite vitoriana. Conforme denomina a autora Crane (2006)

o estilo alternativo pode ser compreendido como um conjunto de sinais, extraídos do vestuário masculino, composto de itens usados separadamente ou em conjunto, que modificavam sutilmente o efeito geral do traje feminino. Uma das peças mais comumente usadas como parte desse estrilo era a gravata, cuja importância estava ligada à sua função no guarda-roupa masculino. (CRANE, 2006, p. 202).

A gravata, na sociedade vitoriana era o adereço usado pelos homens para evidenciar sua presente posição na sociedade, por isso quando usada por uma mulher interpretava-se como uma expressão de independência. Mais adiante, a gravata foi ganhando diferentes significados no traje feminino e o número de fotografias de mulheres usando gravatas no século foi crescente. Com essa peça do vestuário a mulher foi ganhando, mesmo que pouco, aceitabilidade social. Além da gravata, a mulher foi



agregando mais peças do vestuário masculino para compor seu look, por exemplo: chapéus de modelos masculinos, o paletó, entre outros.

Ao contrário dos estilos propostos pelos reformadores do vestuário, o estilo alternativo possui registros em fotos, mas costuma ser ignorado nos livros de moda, talvez porque era usado por mulheres que trabalhavam fora de casa, algumas vezes sendo solteiras, todas consideradas à margem socialmente. Dentre britânicas, francesas e americanas, estas últimas eram as mais avançadas em relação à esta estética. Durante a guerra civil americana, as mulheres usavam paletó escuro, saia mais curta e blusa simples, pois assumiram papéis dos homens que foram pra guerra, o que acabou apressando a emancipação feminina naquele país, bem antes dos países da Europa.

Ao logo do século XIX, o estilo alternativo foi incorporando um número expressivo de peças, principalmente o conjunto de paletó e saia. Entretanto, mesmo no final do século, as mulheres ainda usavam de forma seletiva, por exemplo, o uso da gravata-borboleta e do chapéu palheta ainda era um manifesto relativamente tímido. Já usar a gravata de nó laçado, chemisier, colete, paletó e chapéu de palheta já era um manifesto mais firme (CRANE, 2006).

A ideologia do século XIX, era altamente patriarcal e esta estipula identidades de gênero fixas, onde os trajes femininos e masculinos tendem a ser claramente diferenciados, e quem adotar em público a roupa do sexo oposto será considerado revoltante e repugnante. As mulheres que no século XIX resolveram se lançar no mercado de trabalho eram de classe operária (pobres) ou mulheres (de qualquer classe social) que optaram por ficar solteiras - significando serem independentes de um homem pra pagar suas contas, o que na época era algo tão desafiador que elas eram relegadas à cidadãs de segunda classe.

Porém, ao conquistarem a sua emancipação, por trabalharem, essas mulheres decidiram vestir calças, subvertendo a moda da época, que a gente sabe, eram roupas volumosas, cheias de anáguas e corset. Roupas lindas, mas que limitavam os movimentos femininos e simbolizavam o ócio aristocrático, que era a atividade



apropriada para as esposas e filhas da classe média e alta. As calças também foram usadas como rebeldia. E como as questões de gênero eram muito definidas na época, e calças eram associadas à homens, essas mulheres, corajosas e pioneiras, foram assediadas socialmente, assim, passaram a usar a peça somente nos ambientes domésticos, em círculos fechados ou na área rural.

Em meados da década de 90 surgiu um novo esporte, o ciclismo, oportunidade da emancipação da mulher na sociedade (CRANE, 2006), pois das mulheres da elite ficaram encantadas com as bicicletas e a bicicleta exigia trajes mais soltos para poder pedalar. Assim, quando a classe média e alta passa a sentir a necessidade de "usar calças" e peças mais leves, acontece uma mudança definitiva sobre as roupas que as mulheres usavam, conforme mostra a Figura 2, pois é inegável que era impossível andar de bicicleta com os trajes vitorianos elegantes.

Figura 2 – Ciclista francesa (França, 1895)



Fonte: A moda e seu papel social (CRANE, 2006)

Assim, a calça *bloomer* expressa transformações no olhar da mulher sobre si própria e sobre o mundo, pois as proibições referentes a participação no mercado de trabalho ou ao acesso a escolaridade trazia consigo uma pouca consciência política e social nas mulheres.



Considerações Finais

No mundo contemporâneo, as mulheres ocupam cargos em empresas, chefiam famílias. Elas votam, estudam e governam, além de serem donas de casa e mães quando assim desejam, pois é um direito delas de escolhas. Pode-se considerar que algumas conseguem se libertar por completo e usufruem de vestimentas que quiserem, sem medo de serem julgadas. São muitas as possibilidades das mulheres alcançarem a satisfação pessoal e, mais ainda, de escolher o próprio caminho. Contudo, para que hoje esta realidade se apresente, foi necessário atravessar um extenso percurso de transformação histórico-cultural do papel social da mulher.

Entretanto, sabe-se que há muita discriminação contra nós, mulheres, e um e discriminação pela vestimenta é um dos fatores chave disso. Além do que, há também a discriminação daquelas que não seguem padrões impostos pela indústria têxtil ou pelas tendências de grandes marcas. Este processo se estabelece a partir da internalização e reprodução de normas, crenças e costumes de modo que a realidade de determinado contexto seja experimentada como algo naturalizado, assim como ocorreu no século XIX, período em que uma vertente feminista lutou por um vestuário mais confortável e prático. Os conservadores, obviamente, julgaram-nas como marginais naquele período, o que não as intimidou, pois elas seguiram até conquistarem o uso da maior emancipação social referente à moda: o uso das calças.

Dessa forma, torna-se evidente a importância do papel da moda no processo de emancipação social da mulher, pois a moda é uma das grandes aliadas da mulher na luta contra o machismo. O percurso ainda é lento, mas que continuemos lutando por emancipação justa e completa de todas as mulheres. Com isso, espera-se que o presente estudo contribua de forma significativa para a compreensão de que a vestimenta da mulher é resistência, é política, é cultura, é amor: amor entre as mulheres.

Referências



ALVES, B., PITANGUY, J. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. BARTHES, Roland. **Sistema da Moda**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BATTISTI, F. Representações sociais de gênero pela linguagem de moda em um grupo de estudantes do ensino fundamental II. **Dissertação** (Mestrado em Educação Escolar) Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP), Araraquara, São Paulo, 2015.

BRAGA, João. **História da moda: uma narrativa**. – 4ª ed. Ver. E atual – São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004. CALANCA, Daniela. **História social da moda**. Tradução de Renato Ambrosio. - 2ª edição – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

CARVALHAL, André. **Moda com propósito: manifesto pela grande virada** / André Carvalhal. – 1ª ed. – São Paulo: Paralela, 2016.

CRANE, Diane. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**./ Diana Crane: tradução Cristina Coimbra. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher: Amor, sexo, casamento e trabalho em mais de 200 anos de história**. 2. Ed. São Paulo: Planeta, 2014.

FRAGA, Alex Branco. **Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Proposições, Campinas, v. 19, n. 2 (56), Mai/Ago.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

PITOMBO, Renata. **Os sentidos da moda**. São Paulo: Annablume, 2005.

PALOMINO, Erika. **A moda**. – 2ª Ed. – São Paulo: Publifolha, 2003. – (Folha explica).

SANTOS, M. F. S. **A teoria das representações sociais**. In: SANTOS, M. F. S. (Org.). **Diálogos com a teoria da representação social**. Recife: Editora da UFPE, 2005.